

A PERPETUAÇÃO DO PATRIARCALISMO NO INTERNATO: UM ESTUDO DO CONTO *A DONZELA E A MOURA TORTA*, DE RACHEL DE QUEIROZ

Julyanna de Sousa Barbosa – PPGLI/ UEPB
(julybeis@yahoo.com.br)

Isabelly Cristiany Chaves Lima – PPGLI/ UEPB
(belly_bb@hotmail.com)

O estudo que deve ser feito nesse primeiro momento da análise diz respeito ao título da obra *A donzela e a Moura Torta*, escrita por Rachel de Queiroz, em 1944. Em sua criatividade artística, a autora intertextualiza sua narrativa com a primeira versão da história da moura torta, compilada pelo [ensaísta](#), [poeta](#) e [professor](#) brasileiro [Sílvio Romero](#), em 1885, no livro *Contos Populares do Brasil*, que apresenta uma coletânea de contos de [tradição](#) popular, de várias origens e de autores desconhecidos, dos quais a *Moura Torta*, conto de origem europeia, é um deles. Existem várias versões da história e, em todas elas, a Moura Torta é representada por uma escrava maléfica muito feia, de pernas tortas e que, por isso, caminha com dificuldade. O *Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa* (1999) traz a seguinte definição a respeito de Moura Torta: “Entidade fantástica, malfazeja. (Opõe-se à Moura Encantada)” (p.642); e assim também conceitua a Moura Encantada:

Entidade fantástica, originariamente do folclore português, representada pela figura de uma mulher morena, que vivia nas fontes e rios, como uma espécie de nereida ou sereia mourisca. (Opõe-se à Moura Torta). (p.642)

Em Rachel de Queiroz estas duas entidades fantásticas são personificadas nas figuras de Guiomar, a “donzela” e Leonor, a “Moura Torta”. Assim como no universo fantástico, essas duas personagens se opõem radicalmente na trama de Rachel de Queiroz. É verdade que apresentam características um tanto diferenciadas das que apresentam as entidades lendárias, mas a moura torta de Raquel de Queiroz, por exemplo, também é feia e enfrenta preconceito assim como a moura folclórica, por sofrer de um estrabismo ligeiro, ou seja, por ser zarolha, apresentar um desvio na visão.

A Região Nordeste é o cenário onde se desencadeiam os fatos narrados nessa trama de Rachel de Queiroz. Cidadezinha do interior do Cariri, localizada na fronteira entre os Estados do Ceará e de Pernambuco e cenário perfeito para as “rixas de famílias” acontecerem; e os motivos que nos conduzirão a percorrer os mais recônditos espaços de um internato para

moças são justamente os desentendimentos apreendidos, cultivados e repassados de geração em geração entre duas famílias rivais, os Lopes e os Pereiras, graças a um regime que as oprime, rege e domina – o Patriarcalismo, “sistema de organização social historicamente específico e caracterizado por uma grande família chefiada por um patriarca” (BONNICI, 2007, p. 197), – regime este que vai influenciar sobremaneira o comportamento de duas moças, em especial, durante sua estada em uma espécie de internato ou colégio interno para meninas. Em outras palavras, o patriarcalismo vem a ser um modo de estruturação e organização da vida coletiva baseado no poder de um “pai”, isto é, prevalecem as relações masculinas sobre as femininas; e o poder dos homens mais fortes sobre outros. Para Chevalier (1997), em seu *Dicionário de símbolos*, o Pai é:

Símbolo da geração, da posse, da dominação, do valor. Nesse sentido, ele é uma figura inibidora; castradora, nos termos da psicanálise. Ele é uma representação de toda forma de autoridade: chefe, patrão, professor, protetor, deus [...] O pai é não somente o ser que alguém quer possuir ou ter, mas também que a pessoa quer vir a ser, e de quem quer ter o mesmo valor. (p.678)

O narrador assim descreve o colégio interno citado por diversas vezes no conto: “Era um internato meio patriarcal, meio casa-grande de fazenda”. (p.15). É uma casa, de fato, com tudo o que a caracteriza como tal; contém todos os cômodos presentes em uma casa comum, sala, cozinha, dormitórios, sobrado, sótão; é uma continuação da casa familiar das internas, por diversos motivos. Um deles pode nos levar a considerar o internato, essa nova casa que abriga meninas, que as impõe regras, que as mantêm presas, fechadas e isoladas, como o representante da figura paterna, da autoridade maior que está sobre elas. Essa “cobertura protetora” que é o colégio é como a casa que abriga e que é sempre aquela que defende e protege, como nos fala Durand (1997) em *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*; as muralhas, as couraças, os muros, etc., são fontes arquetípicas, são “separação” da exterioridade, mas provocam, assim como a casa, as fantasias da intimidade pertencentes a uma família. Segundo Bachelard (1993), em *A poética do espaço*, “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa”. (p.25). As internas habitam o internato e trazem consigo suas lembranças, seus sonhos, suas aprendizagens, seu passado para esta nova casa; levam, como diz a velha locução, os seus “deuses domésticos” para o novo lar; elas transportam para o internato, que é algo fechado e que protege, as lembranças de proteção

familiar e, como se sentem muito à vontade naquele novo ambiente, são deixadas transparecer com outras internas suas intrigas e rivalidades familiares trazidas desde o berço:

O mal que as atormentava estava todo nos ódios recíprocos, nas guerras de famílias cujos rancores vinham ecoar até dentro do internato, dividindo as alunas em grupos adversos – criadas que eram, na maioria, no cultivo de antigos rancores, de vinganças e desafrontas. (p.16)

A personalidade e o caráter das meninas que chegam ao internato já foram totalmente formados e enraizados no berço familiar. O colégio apenas fortalece e facilita ainda mais os desejos de vingança já trazidos com as internas. Para Bachelard (1993), a casa

É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser ‘jogado no mundo’, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. (p.26)

Bourdieu (2003) diz que “É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas”. (p.103) e, conscientemente, as meninas têm a figura patriarcal instaurada e cristalizada dentro de si, graças ao papel bem estabelecido da família em repassar os seus valores quanto ao lugar de domínio em que a figura masculina sempre deve estar.

Antes de estudarmos o comportamento psicológico dessas duas personagens da história, vale adentrar num dos cômodos “fechados” do colégio interno, que simboliza o modelo patriarcal, o quarto, por exemplo, que é símbolo da intimidade. São funções do Grande Feminino conter, gerar, libertar, reter, fixar, aprisionar, rejeitar, privar, como mostra Neumann (2001) em *A Grande Mãe*, ao apontar, ainda, que “O feminino, em sua qualidade protetora e acolhedora, congrega em si a vida da família e do grupo sob o símbolo da casa”. (p.125). O colégio, visto como a instituição que impõe as rígidas e severas regras que devem ser obedecidas é visto, de um ponto de vista particular, como o representante do “Pai”; mas, arquetipicamente falando, esse colégio abriga, protege, guarda, dá segurança, logo, está aí representado de uma forma singular a Grande Mãe protetora, a própria casa, que é feminina e materna por excelência.

Após uma série de incidentes e desavenças ocorridas entre Guiomar e a “Moura Torta”, esta é trancafiada em um dos aposentos do internato: “Lá ficou carpindo o seu nojo,

recebendo às refeições uma tigela de caldo e uma xícara de café, pois se recusava a comer. Só queria chorar e rogar pragas, trancada no quarto escuro”. (p.19). Para Bachelard (1993),

todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa. (p.145)

Leonor Pereira ficou recolhida no canto de um quarto, foi afastada do convívio com as outras internas devido ao ataque eufórico e nervoso que sofrera. Esse afastamento tem para Bachelard um valor especial:

Sob muitos aspectos, o canto ‘vivido’ rejeita a vida, restringe a vida, oculta a vida. O canto é assim uma negação do Universo. No canto, não falamos a nós mesmos. Se nos lembramos das horas do canto, lembramo-nos de um silêncio, de um silêncio dos pensamentos [...] Mas em primeiro lugar o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro, o local próximo de minha imobilidade. (p.146)

Se o indivíduo, pois, está imóvel, logo a probabilidade de correr riscos será bem menor, ao menos é o que se espera ou se acredita.

O ato de prender, encarcerar a jovem Leonor no quarto escuro pode ter dois significados um tanto dignos de apreciação. Segundo Durand (1997), a cor escura, a cor negra, é um símbolo nictomórfico, símbolo noturno, que é valorizado negativamente nos significados relativos ao pecado, à angústia, à revolta e ao julgamento. Esse semantismo pode também remeter aos estudos foucaultianos sobre Poder, especificamente sobre o poder disciplinar que, segundo o filósofo, “está disseminado por todo o corpo social, em todas as microrrelações”. (IZABEL PASSOS, 2008, p.14). O que de fato se passa no colégio e, especificamente, no quarto, é uma cena de relação de poder das freiras exercida sobre a “Moura Torta”. Mas vale ressaltar também o comportamento de Guiomar:

À volta de umas férias de junho, um drama sentimental abalou o colégio: apareceu vestida de preto, de chorão no chapéu como viúva, a flor e herdeira da casa dos Lopes – a linda Guiomar, que em breve deveria se casar com um primo. Pois justamente esse primo fora assassinado; matara-o a faca um sobrinho de Sinhô Pereira [...] Mas Guiomar não conversou acerca da tragédia, não se abriu com ninguém. Voltou às suas aulas, ao seu bordado, e, para grande espanto das amigas, não parou de trabalhar no enxoval, não alterou sequer o monograma do noivo – dois LL entrelaçados com que marcava os lençóis. Rezava muito, conversava pouco ou quase nada [...] A lembrança do morto parecia enterrada mais fundo dentro daquele coração do que o corpo dele debaixo da terra. (p.17-18)

O silêncio de Guiomar também não poderia ser uma forma de representação do poder? Pois enquanto silenciava suas palavras dialogava com seus pensamentos, suas tramas. Mais tarde, veremos que, após o ataque de fúria de Leonor contra Guiomar, que não revidou em momento algum e nem lutou contra a inimiga, há o momento chegado da vingança em que Guiomar amarra a “Moura Torta” na cama e, maltratando-a diz:

—Seu pai morreu, Moura Torta... e morreu por mão de gente minha. [...] E como morreu seu pai, hão de acabar vocês todos; de um em um... Pensavam que matando Laurindo acabavam com a semente dos Lopes... Pois meu pai já mandou buscar no Amazonas o meu primo Luís Lopes, irmão de Laurindo – irmão de Laurindo, ouviu? – e eu me caso com ele no mês que vem. E só vou viver para botar filhos no mundo, ensinar a eles a pegar em arma e liquidar com a raça de vocês, por fogo ou por ferro frio... (p.20)

A “Moura Torta” revida: “É bom que você saiba uma coisa, Guiomar Lopes: que não é só sua barriga que há de dar filho, não!”. (p.20). A gravidez de ambas, pois, já prenuncia a perpetuação das brigas entre as famílias rivais.

Nessas duas passagens em que se destacam a fala das personagens percebe-se a significativa influência da figura masculina por traz do discurso das duas internas. Em toda a narrativa há sempre um discurso patriarcal que conduz os fatos, os acontecimentos, e mostra que, por traz do discurso pronunciado pela mulher, há sempre uma voz masculina que fala mais alto e que motiva suas relações.

O final da história assim se processa:

Ambas cumpriram a promessa. Os oito filhos de Guiomar liquidaram num tiroteio três dos dez filhos da Moura Torta. E os Pereiras então, numa vingança que ainda faz muita gente tremer, tocaram fogo na cidade dos Lopes e mataram até os cachorros na rua e as criações nos quintais. Vi com meus olhos as paredes negras, os telhados por terra, as calçadas cheias de entulho. Mas já os Lopes estão abrindo outra rua. E nas fazendas dos Pereiras, a apenas cinco léguas de distância, há muito gado, muita madeira, muito cercado de arame, muita coisa boa de destruir. (p.21)

Observa-se nesse trecho final a contínua destruição por armas, por fogo; persiste o desejo das famílias de liquidar umas às outras e vai ser sempre assim, uma luta sem trégua e sem limites.

Para alguns teóricos aqui já citados, como Durand e Bachelard, por exemplo, o fogo é um elemento simbólico que está ligado à purificação. Há muitos outros significados que

podem ser atribuídos a esse elemento, mas na maioria dos textos mitológicos, por exemplo, o fogo tem a qualidade de purificação e de transformação, sendo por isso usado em muitos rituais religiosos.

Neste conto analisado deve-se matar e aniquilar as pessoas de ambas as famílias para se mostrar mais fortes, mais poderosos e, desse forma, empreender o círculo vicioso de uma matança sem dó e nem piedade. Para isso são usados armas e fogo para destruir, pois o fogo, além de ser chama purificadora, como já fora dito, está ligado às armas cortantes e pontiagudas e também é o centro genital do lar patriarcal.

Destruir, portanto, faz parte da herança que cada filho, de cada geração, vai herdar; destruir é motivo de orgulho, é sinônimo de honra; e essa prática deixa de ser comum apenas entre os homens dessas famílias e passa a fazer parte da linguagem e do dia a dia de mulheres que nasceram e cresceram sob os rumores dessa guerra.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: introdução à topoi-análise*. São Paulo: Editora Ribeirão, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CIVITA, Victor. *Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JUNG, C. G. (org.) *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Trad. Fernando Pedroza de Mattos e Maria Sílvia Mourão Neto. São Paulo: Cultrix, 1996.

PASSOS, Izabel C. Friche (org.). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

QUEIROZ, Rachel de. A donzela e a Moura Torta. In: *Do conto à crônica*. São Paulo: Salamandra, 2003.